

Edição 3 | Outubro de 2023

ENFRENTA

**ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO DO
DESCRÉDITO NA CIÊNCIA E
DESINFORMAÇÃO SOCIAL**

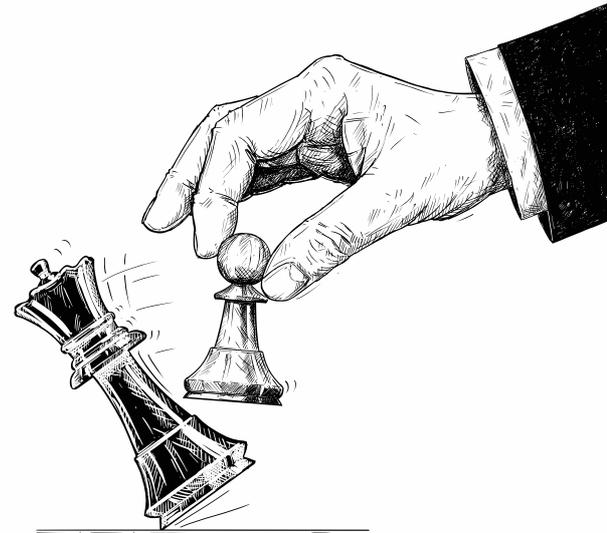
APRESENTAÇÃO

Se você está chegando e conhecendo o Projeto ENFRENTA! agora, nossas boas-vindas! Para quem nos acompanha desde os primeiros webinários, estamos agora no terceiro relatório e mais uma vez tendo uma compreensão ainda melhor do tamanho do problema da desinformação na sociedade. Se por um lado, compreender o que estamos enfrentando, assusta, por outro, nos faz reunir ferramentas que possam nos ajudar a inspirar políticas públicas de combate a esse mal que ameaça à democracia e, para a comunidade científica, atua diretamente desacreditando o trabalho de quem faz pesquisa e dedica uma vida ao fazer científico.

O ENFRENTA é uma iniciativa da Academia de Ciências da Bahia (ACB) e da Fundação Conrado Wessel (FCW) e tem reunidos pesquisadores, líderes, grandes nomes que estão, por meio de prática ou de pesquisa teórica, combatendo a desinformação no Brasil. Nesta edição, em um encontro que teve como título Estratégias de enfrentamento do descrédito na ciência e desinformação social, e reuniu no dia 5 de setembro, as professoras Valéria Mendonça, da UnB, Debora Salles, da UFRJ e jornalista Herton Escobar, do Jornal da USP.

Estamos felizes com os avanços até aqui.

Boa Leitura!

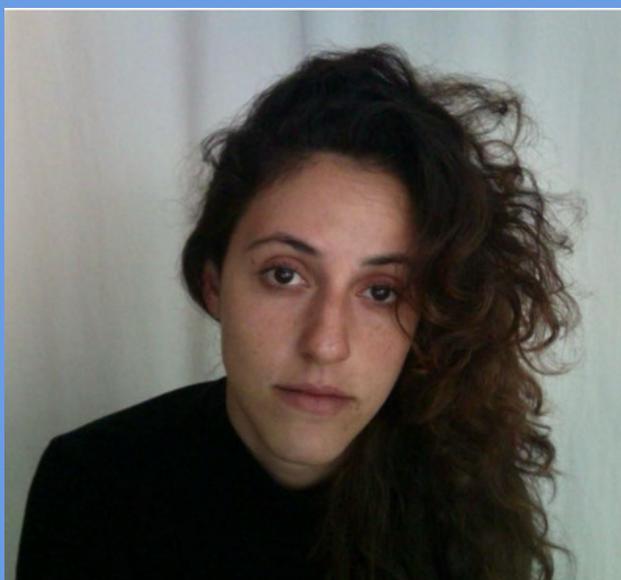


Para o acesso ao webinar:
<https://bit.ly/Enfrenta3>



Ana Valéria M. Mendonça

Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, da Universidade de Brasília [UnB]. Pós doutora em Comunicação em Saúde, pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé, da Université du Québec à Montréal, doutora em Ciência da Informação pela UnB, mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, e graduação em Filosofia, Jornalismo e Relações Públicas. Criou e coordena o Laboratório de Educação, Informação e Comunicação em Saúde – LabECoS/UnB.



Debora Salles

Ela que é doutora em Ciência da Informação pela UFRJ e pesquisadora de pós-doutorado do IBICT-ECO-UFRJ. É coordenadora geral de pesquisa no Netlab [Laboratório de estudos de internet e redes sociais da UFRJ]. Foi professora da graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ] entre 2021 e 2022. Também é pesquisadora-membro da rede europeia VOX-Pol Network of Excellence, financiada pelo Programa da União Europeia 7 [FP7] focado em pesquisar prevalência, contornos, funções e impactos do Extremismo Político Online Violento.



Herton Escobar

Jornalista especializado em Ciência e Meio Ambiente, atuou 18 anos como repórter do jornal O Estado de S. Paulo, com mais de 2 mil reportagens publicadas sobre temas ligados à ciência, tecnologia, inovação e políticas científicas e ambientais, atualmente é repórter especial do Jornal da USP, Escobar que também é colaborador internacional da revista Science, nos EUA.

04.

É preciso falar a língua dos brasileiros para informá-los

Por longos anos, a comunicação foi pensada como instrumento técnico para alcançar objetivos de Estado. E não que isso tenha mudado muito. Mas urge a necessidade de compreender que essa visão tecnicista deixa de lado o papel ativo do cidadão público. E é este público que decide ou não aderir aos propósitos daqueles que estão gerindo um Estado. E o que essa questão tem a ver com a problemática da desinformação? Essa visão estaria ampliando a falta de credibilidade das pessoas leigas nas instituições e o campo da saúde tem sido atacado e descreditado. Os impactos são inúmeros.

A professora Valéria Mendonça, do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Brasília (UnB), conta que a desinformação vem se fortalecendo ao longo da humanidade. Valéria Mendonça destaca que a desinformação tomou corpo durante a pandemia, porque há uma assolação pela negação da ciência, mas a desinformação é um problema perverso que decorre já de muitas gerações e não é totalmente contemporâneo. As narrativas falsas querem prejudicar o bom entendimento da informação, sua integridade e qualidade, mas principalmente **buscam prejudicar com outras intenções a atitude de uma população**, que muitas vezes está ainda no processo de dificuldade no acesso da boa informação.

Não é apenas a baixa adesão vacinal, a infodemia, que consiste na grande quantidade de informações erradas que circulam e causam impactos na saúde, e tem causado problemas inclusive na prática assistencial. Para se ter ideia, quando pacientes estão envoltos por informações equivocadas podem questionar os profissionais ou simplesmente não aderir a um tratamento que possui vasta literatura científica como base. Para pensar em uma forma sobre este aspecto, a professora Valéria Mendonça trouxe uma apresentação sobre o que vem a ser uma Comunicação Promotora de Saúde.



05.

Para a estudiosa, para que a Comunicação promova saúde, é preciso que sua epistemologia seja pensada sob uma ótica da ciência cidadã. Ou seja, que a comunicação seja pensada por e para diversos grupos sociais, étnicos, de diferentes localizações, em que as diferenças sociais e determinantes de saúde sejam incorporados nas ações. Isso significa trazer os princípios da **Comunicação em Saúde** que se refere a processos dialógicos e à utilização de estratégias comunicacionais que respeitam os direitos à informação, à educação e à saúde.

Consideram-se por comunicação em saúde, ações estratégicas por meio de mídias alternativas ou oficiais e ainda comunicação oral, não verbal e interpessoal. Como finalidades, inclui a prevenção de enfermidades, o incentivo à cidadania por meio da participação social, a transparência na gestão e a promoção da saúde das pessoas em diferentes contextos sociais, por meio de relações interpessoais, da mídia e do conhecimento. Dessa forma, a comunicação poderia prevenir a desinformação. Para Mendonça, a partir da potencialidade dos saberes, múltiplos, diversos, é possível construir essa grande cadeia de comunicação promotora de saúde, que incorpora as pessoas que precisam ser alcançadas.



é possível construir essa grande cadeia de comunicação promotora de saúde, que incorpora as pessoas que precisam ser alcançada



Ana Valeria
Mendonca
UnB



Pensando a saúde positiva, contextualizada pela definição da OMS, de que saúde não significa ausência de doença. E para promover saúde é preciso uma prática contra hegemônica, com foco na equidade de gênero, etnia/raça/cor, escolaridade, status social. **Os materiais de saúde, por sua vez, com foco no combate à desinformação, precisam ser construídos a partir dos conhecimentos de territorialidade; sem culpabilização dos indivíduos; usando linguagem não violenta; respeitando e valorização dos diversos tipos de saberes tradicionais, populares e científicos; simplificando a linguagem para que mais pessoas possam compreender os conteúdos da saúde.**

Os especialistas em desinformação mostram é que as notícias falsas estão cada vez mais atraentes e têm conseguido objetivos não alcançados por órgãos oficiais. Contudo, para a professora, quando movimentos de cientistas de diferentes áreas se associam aos poderes, aos saberes e às práticas diretas, unindo-se à população, o comprometimento é bem maior. Tendo essa agenda integrada de forma sustentável pelo estado brasileiro, seus governos e pela sociedade.

O exemplo da vacinação não foi esquecido. A pesquisadora falou sobre o Programa Nacional de Imunizações (PNI) e o déficit de adesão às vacinas por todo o país e, para ela, os fracassos da PNI é produto dessa onda de desinformação aguda. Para a desinformação, a solução é a educação midiática, defende Mendonça. Por fim, é necessário identificar o viés de confirmação, prevenir a negação da ciência, promover indagações fundamentais entre as pessoas, estimular atitudes éticas pela pedagogia da exemplaridade e ensinar a população a reconhecer a propaganda, trazendo esse pensamento crítico consciente que faz as pessoas refletirem e se questionem sobre as notícias, assim que expostas a elas.

Há algo de novo?

A desinformação não é nova, a novidade é o poder das plataformas que fazem essa informação chegar nas vidas das pessoas hoje. E sobre esse aspecto que pesquisadora e publicitária, Débora Salles, da Escola de Comunicação da Universidade Federal da Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), vem se debruçando e falou no terceiro webinar do Projeto ENFRENTA.

Salles tem trabalhado com uma equipe multidisciplinar composta por engenheiros e cientistas de dados com foco em estudar as informações e as mídias sociais. Essa equipe faz essa investigação usando do arcabouço da Computação e Comunicação, uma vez que lidam com dados coletados das plataformas de mídias sociais. Para Salles, um dos principais desafios do diagnóstico da desinformação e o que se propõe é uma avaliação baseada em dados primários, coletados diretamente das principais plataformas, para a partir de então, basear o debate público e **políticas públicas, que devem estar preocupadas não apenas com desinformação em si, mas do poder concentrado pelas plataformas de mídias sociais.**

Nesse sentido, o NetLab do qual Débora Salles faz parte, tem monitorado a pauta socioambiental. E esse tema, muito antes dessa onda de desinformação já era rejeitado por públicos mais conservadores, mostrando-se ainda mais uma pauta desafiadora, tendo em vista a intensificação da discussão nos últimos anos e o flerte intenso do negacionismo com interesses econômicos no Brasil. Com tal cenário, conspirações ambientais passaram a ser pauta de um debate público ainda maior.



Uma experiência relatada é o viés da recomendação criado pelos algoritmos de funcionamentos de redes sociais. Para compreender isso, a pesquisadora exemplifica que o usuários do YouTube, após assistir ao documentário “Cortina de Fumaça” do Brasil Paralelo, a dinâmica de lançamento, momento político do período, é direcionado para conteúdos que reafirmam as teorias conspiratórias que ali foram despejadas. Este viés surpreende porque o YouTube se comprometeu em contribuir com as diretrizes das Nações Unidas na luta contra mudanças climáticas e a tomada de ações necessárias para evitar que indicações de desinformação fossem sugeridas aos usuários. A saída, neste caso, seria indicar ao mesmo usuário conteúdos que trouxessem os dados reais.

O negacionismo ambiental não é exatamente uma grande novidade, ao longo do governo passado, a taxa de desmatamento na Amazônia cresceu, e não só cresceu, como o então presidente negava que elas estivessem acontecendo. O fato dele negar publicamente faz com que essas teorias virem uma opção no cardápio de explicações do mundo para pessoas que já possuem alinhamento moral e ou político. Débora salienta que, sobre o negacionismo climático, é possível perceber diferenças entre o Norte e o Sul Global, **enquanto na Europa e nos Estados Unidos, a questão está relacionada à defesa dos combustíveis fósseis, muito impulsionada pelas petroleiras, no Brasil e em outros países do sul global, os interesses do uso da terra, do agronegócio, estão por trás desse lobby anti-ambiental.**

No ENFRENTA!, a terminologia desinformação é adotada para se referir aquela informação, inverídica, distorcida, com intencionalidades.



O documentário adensa uma série de valores presentes em diversos materiais que desinformam a população. Pelo recorte do desmatamento, propõe outras questões relacionadas ao negacionismo climático, questiona princípios de direitos humanos, nega dados e evidências científicas, utiliza argumentos que giram em torno de conspirações da existência de interesses internacionais no Brasil, os quais seriam as ONG's atuando em nome desses interesses internacionais, cooptando indígenas e pessoas em situação de vulnerabilidade, impedindo que essas pessoas efetivamente prosperem e impedindo que o Brasil vire um potência. O documentário traz, por fim, um contraponto entre o agro e a discussão ambientalista, no qual aqueles que defendem o ambientalismo estão de um lado e aqueles que defendem a economia brasileira, a soberania, a segurança alimentar do Brasil e do mundo estão do outro. Mais argumentos que reforçam a polarização.

Com isto, Débora explica como a equipe de pesquisadores coletaram dados, fazendo modelagem de tópico dos comentários do vídeo e procederam com a análise de rede dos vídeos recomendados pelo Youtube, chegando no resultado de nove assuntos: elogios ao canal, elogios ao filme, discurso religioso, política ambiental de Bolsonaro, papel do Brasil na geopolítica, acusações contra ONGs, infanticídio entre indígenas, agronegócio e segurança alimentar, ciência e produtividade. Sobre os vídeos recomendados foi observado que a questão ambiental não era relevante para o algoritmo do YouTube e que a plataforma estava levando em consideração apenas os comentários da Brasil Paralelo, produtora do documentário. Quando buscou-se entender os canais que são privilegiados e ganham visualizações a partir do algoritmo do YouTube, aparece o próprio canal Brasil Paralelo e a Jovem Pan, que é outra personagem famosa por propagar desinformação e nesse ecossistema de conspirações e negacionismo. “Assim os dois canais contribuem para esse extremismo, onde o usuário não consegue sair de recomendações problemáticas e assiste um vídeo conspiratório atrás do outro”.



O caso trazido pela pesquisadora da UFRJ ilustra os valores que permeiam o universo da desinformação. Eles buscam um ponto polêmico que já previamente divide a população, abraça teorias conspiratórias que parecem explicar a complexidade do mundo de forma simples, criam em torno disso, cenas dramáticas, com personagens vilanizados e heróis, trazendo um enredo acessível para a população e para quem já teria uma tendência prévia oferece o conforto de uma explicação que lhe interessa. Para Salles, o caso do YouTube é bem dramático, porque é visível uma comunidade de apoiadores que vivem ali discutindo essas conspirações e a sociedade precisa fazer frente ao poder que esses algoritmos de recomendação têm na dieta de informação que as pessoas têm acesso.



Assim os dois canais contribuem para esse extremismo, em que o usuário não consegue sair de recomendações problemáticas e assiste um vídeo conspiratório atrás do outro”

Debora Salles
UFRJ



11. O cardápio do mundo mudou a forma

Por anos, o hábito de entender o mundo e seu cardápio de possibilidades estava na mesa do café da manhã, vindo em um jornal impresso. Ao jornalismo sempre coube trazer a realidade última e cumprir seu papel de atualizar o mundo. E as pessoas confiavam à imprensa esse papel, mas as mídias e redes sociais mudaram esse cenário, permitiram uma livre e vultuosa circulação de mentira com intenções de criar grupos com afinidades de pensamentos e, como trouxe jornalista Herton Escobar, ao terceiro webinar do Projeto ENFRENTA, o pior ainda esta por vir.

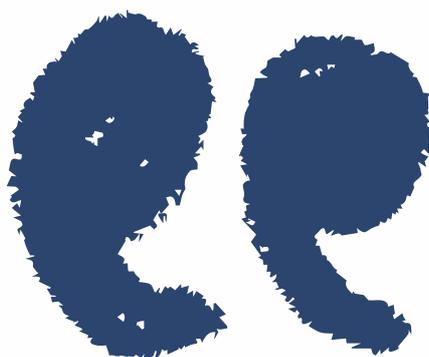
Munidos da Inteligência Artificial e suas potencialidades, muitas desinformações ainda vão circular. Essa declaração se faz em vistas de um instrumento que pode criar conteúdo em formatos de vídeo, texto e áudio com aparência verdadeira. Por isso, o jornalista alerta que nesse cenário de desinformação requer tanto veículos de comunicação oficiais, quanto órgãos de Comunicação Pública da Ciência estejam capacitados para fazer dessa mesma inteligência artificial uma ferramenta em favor da verdade. Destaca que o combate às desinformações tem que acontecer nas redes sociais para que ele chegue às pessoas e os meios precisam ser também aqueles pelos quais o público recebe o conteúdo falso, ou seja, por meio dos telefones celulares e das conversas com amigos e parentes. Uma vez que a cena da pessoa lendo do jornal no café da manhã é cada vez mais uma pintura na parede, uma lembrança do passado.



No webinar, o jornalista que atualmente coordena o Jornal da USP (Universidade de São Paulo), trouxe como proposta o **Projeto Desconstruindo a Desinformação**, que se constitui de uma série de reportagens especiais sobre o tema da desinformação. “É um projeto que nasceu de uma preocupação dentro da Superintendência de Comunicação social da USP, a respeito da desinformação e o jornal da USP trabalhou ao longo da pandemia para produzir conteúdo sobre de divulgação científica como uma forma de enfrentar a desinformação sobre vacinas e sobre saúde pública”.

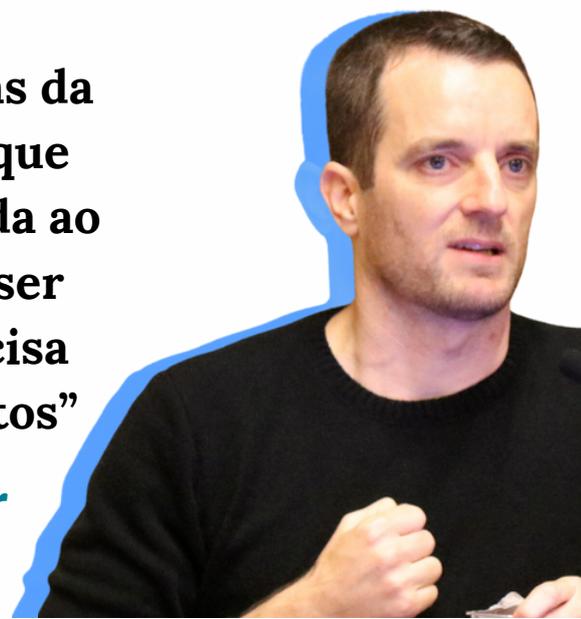
O Projeto começa com a reportagem Armas de desinformação em massa. Já ali, nas primeiras linhas, aquele cenário do café da manhã jornal se esfarela: “São 5 horas da manhã quando o alarme do celular começa a tocar. Joana estica o braço para apanhar o aparelho, e a primeira coisa que faz, antes mesmo de levantar a cabeça do travesseiro, é dar uma espiada nas suas redes sociais. O grupo de WhatsApp da família está cheio de mensagens de parentes preocupados com a segurança da nova vacina contra a covid-19”. O texto mostra esse novo cotidiano, a vasta quantidade de informações e a potência desses espaços de circulação que metralham as pessoas com conteúdos falsos. Contudo, alerta o jornalista, as pessoas acreditam que não são vulneráveis ao problema e não tem a percepção da magnitude e das graves implicações políticas, sociais, econômicas e ambientais, para a sociedade.

Mas o que fazer? E pensando nisso que nasce a segunda reportagem, Navegar é preciso! Regular (as redes) também. Para Escobar, esse assunto é fundamental regulamentar esse trânsito de informações para que a democracia seja protegida. E na reportagem, tem-se o Projeto de Lei 2.630/2020, citado na primeira edição do ENFRENTA pelo seu relator. Com isso, mostra-se que a criação de marcos legais é fundamental para o controle e a diminuição de conteúdo que intenciona desinformar as pessoas.



“uma das vantagens da desinformação é que ela não está limitada ao fato, não precisa ser checada, não precisa ouvir lados distintos”

Herton Escobar
Jornal da USP



13.

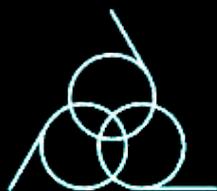
Revisitando o que circulou durante períodos intensos da pandemia, o Projeto construiu a terceira reportagem, Desinformação científica: pandemia de mentiras e a quarta Desinformação disfarçada de ciência; com foco nas informações científicas sobre saúde. Na primeira, é possível ver a desordem e os mais estapafúrdias desinformações que circularam e e na segunda, eis se tem a forma mais nefasta de desinformação, quando vale-se do formato e da credibilidade da ciência para atacar a própria ciência, com envolvimento de médicos, cientistas, pesquisadores, pessoas que têm currículo e formação respeitados, mas vão no sentido contrário do que a ciência e a medicina ensinam. Pessoas que disseminam de forma sistemática, através das redes sociais com uma audiência muito grande e o poder que essas pessoas têm de influenciar e fazer circular conteúdo é altamente danoso.

Para quem sempre se ateu ao fato, e todo trabalho que ele demanda para ser devidamente apreendido, uma das grandes “vantagens da desinformação é que ela não está limitada ao fato, não precisa ser checada, não precisa ouvir lados distintos”. Dessa forma, **quem trabalha com desinformação tem liberdade para criar infinitas narrativas e histórias que vão cativar as pessoas e assustar outras**. Enquanto quem trabalha com jornalismo sério e boa ciência, está restrito à sua narrativa, ao acontecimento, ao trabalho direto com as fontes.



14.

Realização:



Academia de
Ciências da Bahia

FUNDAÇÃO CONRADO WESSEL
FCW

Texto: Karina Costa

Editor-Chefe: Manoel Barral-Netto

Edição: Setembro, 2023

DOI: 10.5281/zenodo.10038362